

Samambaia vive sob o toque de recolher

Fotos: Arnildo Schulz

M. Cavaleiro

— Correu um para a esquerda! Para a esquerda! Grita o tenente Moretto. A viatura, uma velha e valente Chevrolet Veraneio, faz a curva, acelerando o mais que pode, na rua poeirenta. Está começando mais uma cena comum nas noites de Samambaia, desde que a Polícia Militar decretou, ali, um toque de recolher só admissível, segundo o presidente da Seção-DF da Ordem dos Advogados do Brasil, Francisco Lacerda Neto, se estivéssemos em estado de sítio.

“Isto é pura maluquice, torpeza do advogado. “Os índices de criminalidade diminuíram”, justificam-se os policiais. Depois das 22h00 ou das 24h00 nas noites de sexta-feira e sábado, a Carta não vige — não há direito de locomoção em Samambaia, e mesmo quem quiser olhar as estrelas ou se aquecer à beira do fogo, na frente do barraco, será advertido pela polícia, revistado e convidado a se recolher.

Perseguição

À 1h00 da madrugada, indiferente aos preceitos constitucionais, a Veraneio faz a curva. O homem que corre é pequeno e magro. O tenente liga a sirene, mas ele não pára. Continua a correr, mesmo quando o automóvel quase lhe toca as costas — e avança ainda alguns passos depois que os soldados saltam. O tenente Moretto — um gaúcho formado em Administração de Empresas em Porto Alegre — leva na mão direita seu Puma, um rifle semelhante às velhas e famosas Winchester.

— Parado aí! Mãos na cabeça! Ele grita.

O cidadão obedece automaticamente. Os policiais aproximam-se. Ele está um pouco assustado, mas sorri.

— Onde você ia?
— Pra casa, aqui pertinho.
— E vinha de onde, a esta hora?
— Tava trabalhando. Desci daquele ônibus. Vocês não viram?
— Correu por quê?
— É que eu gosto de ir correndo pra casa...

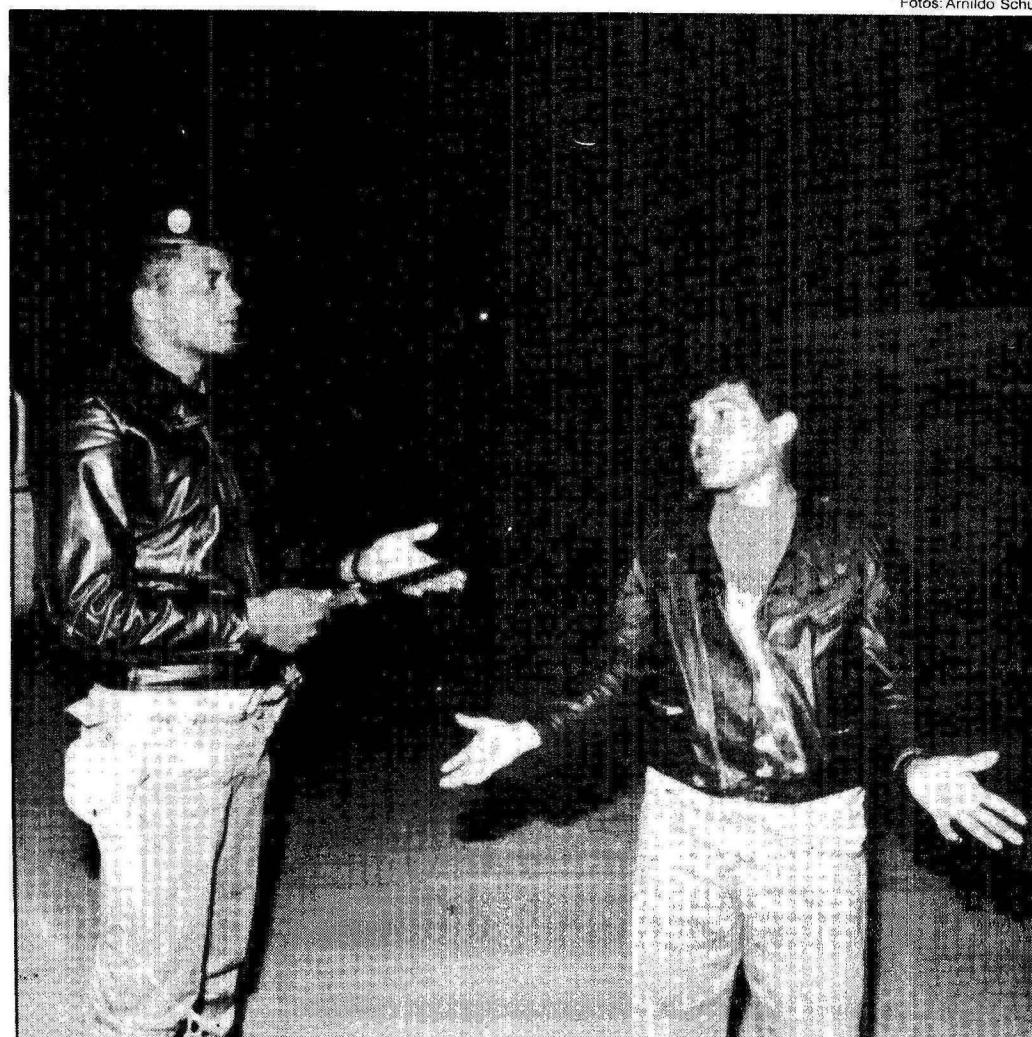
O homenzinho vai respondendo, enquanto é revistado. Pedem documentos. Ele apresenta. Tem um comprido pente azul enfiado na meia e um sorriso maroto nos lábios. O tenente explica que faz aquilo para proteger os cidadãos, põe-se às ordens para qualquer coisa e autoriza o operário a seguir seu caminho.

E... posso ir correndo? Ele pergunta, movendo mimicamente braços e pernas.

Para o presidente da Seção-DF da OAB, correr não é crime, nem motivo para que se ponha alguém sob suspeita. Já os PMs de Samambaia consideram suspeito todo cidadão que andar na rua depois das 23h00. “Não há nada para fazer aqui neste horário. Os bares estão fechados e quase nunca há festas. Por isso, quem anda na rua tem uma conduta irregular. Presume-se que esteja propenso a cometer alguma infração”, teoriza o tenente Marcos Aurélio Vitoriano Matias, chefe da Seção de Relações Públicas da 2ª Companhia de Polícia Militar Independente, um efetivo de 215 homens, com cinco viaturas, encarregado do policiamento e de todo tipo de assistência ao gueto onde vivem cerca de 220 mil pessoas, sem posto de saúde, sem telefone, sem nada.

Outras cenas

Domingo 27. São 2h00 da madrugada, e jovens dançam e riem no “Bar Doce Bar”, o mais ajeitadinho de Samambaia, com seu porta-latas improvisado em velhas madeiras, suas pizzas de pouco queijo e bom sabor, sua carne de sol. Casais dançam e riem, dois ou três bêbados perturbam aqui e ali, entre as poucas e acanhadas mesas, com tampos pequenos, de madeirite. Dançam e riem, mas logo virão o cabo Stein e seus soldados. Tripu-



O forró, um dos poucos divertimentos da população, é alvo constante da polícia. A noite, qualquer cidadão em Samambaia torna-se suspeito para a PM

lando uma desgastada Rocan, vão acabar com a festa, revistar os homens, mandar fechar as portas e determinar — que ali a Lei são eles: “Todos para casa!” Samambaia é assim: depósito de gente, gueto com toque de recolher e tudo.

E provavelmente por isso que as pessoas à noite não falam quase e temem todo o estranho. Esperam dele alguma forma de violência contra seu lazer. Ou são maloqueiros de outras quadras, ansiosos por brigas, ou são autoridades que, à guisa de evitar as mesmas pancadarias, tomam de assalto, de uma só vez, direitos líquidos e certos como os de dançar e de ir e vir. E determinam, assim, um confinamento, uma espécie de prisão domiciliar, sem julgamento nem mandado, que só terminará quando o dia se espreguir.

A menina bem que perguntou, bem que advertiu. Usava uma saia branca pregueada, blusa justa, negra mais do que a pele atrás da qual se abria o sorriso branco e brejeiro. “E verdade que vocês estão fazendo reportagem aqui?”, perguntou com um trejeito. Sim, era verdade, e isto a indignou mas não lhe furtou a leveza do rosto. “Comigo não”, ela riu, balançando o indicador de um lado para o outro, para dizer em seguida, como quem encerra a conversa: “Mas se nós não estamos fazendo bagunça, por que vocês vêm aqui?”

Documentos

Precavida, saiu antes que o cabo Stein e seus homens atravessassem do boteco defronte para o “Bar Doce Bar”. Quando eles chegaram, a saia branca já não ressaltava os revólveres das pernas firmes e negras. Mas sua irmã, que posara divertida para fotografias, chorava quando desceu a escada, aquelas eram lágrimas de humilhação e desespero, mais do que de raiva. “Os homens com as mãos na parede, as mulheres lá fora”, bradara, enérgico, o cabo, dando-se ainda ao luxo de uma advertência, na despoliciada favela: “Mês que vem vai ter polícia feminina. As mulehres vão ser revistadas também. Quem não tiver documentos, vai presa!”

— E quem tiver perdido? Indaga uma vizinha sumida, no grupo de uma dezena de mulheres confinadas a um pedaço de rua pelos PMs. Mas esta não é uma pergunta digna de resposta...